

Desigualdades de classes e práticas de ação coletiva: escalas de análise¹

Nuno Nunes, CIES-IUL, ISCTE-IUL

Otávio Raposo², CIES-IUL, ISCTE-IUL

1. Introdução

As sociedades contemporâneas são (re)produtoras de múltiplas desigualdades sociais, entre elas as desigualdades de classes. Historicamente, a ação coletiva assumiu uma importância fundamental na construção de sociedades mais justas, igualitárias e desenvolvidas, rompendo com desigualdades enraizadas nas sociedades. Multidimensional nas suas diversas modalidades, a ação coletiva contemporânea é um veículo da legitimidade e da prática de direitos sociais, económicos, políticos e culturais duramente conquistados.

Mas serão tais direitos formais igualitariamente exercidos ou, pelo contrário, as atuais democracias estão sobretudo a criar uma ação coletiva ancorada em desigualdades de classes? Mas tais desigualdades de classes poderão também constituir um elemento de capacitação dos indivíduos para a ação coletiva? Se assim for, que condições e fatores se entrecruzam para determinar esta dupla possibilidade?

Ao analisar o modo pelo qual as desigualdades de classes constroem ou potenciam a capacidade para agir, discute-se a hipótese de as relações entre as desigualdades de classes e a ação coletiva produzirem regularidades e contra-regularidades, estas últimas visíveis em “cidadanias insurgentes” (Holston, 2013). Procura-se compreender a ação coletiva considerando as condições sociais dos atores, observáveis a partir das escalas de análise europeia, nacional, local e individual.

Perspetivando teoricamente a ação coletiva sob a ótica das desigualdades de classes, investiga-se como disparidades entre classes sociais, estados nacionais e diferenças de ordem económica, educativa, etárias e socio-espaciais, constroem e/ou potenciam um conjunto diversificado de práticas de ação coletiva (Nunes, 2013; Nunes et al., 2016) à disposição dos cidadãos em Portugal e na Europa.

As interpenetrações entre as múltiplas escalas de análise permitirão aprofundar a compreensão sobre os mecanismos de desigualdades (des)capacitantes de ação coletiva. É desenvolvida uma estratégia multimetodológica valorizadora da complementaridade entre

¹ Agradecemos especialmente à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo financiamento das pesquisas que dão lugar ao presente capítulo.

² Pós-doutorando em antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL). E-mail: otavio_raposo@iscte-iul.pt

instrumentos quantitativos e qualitativos. As relações entre desigualdades de classes e ação coletiva às escalas europeia e nacional serão interpretadas a partir de dados do inquérito internacional European Social Survey (ano 2012); as mesmas relações às escalas local e individual serão analisadas a partir dos retratos sociológicos de três jovens de bairros desfavorecidos da Área Metropolitana de Lisboa, indivíduos que podem ser considerados ativistas das periferias.

2. A ação coletiva sob a ótica das desigualdades de classes

A desigualdade social constitui uma marca civilizacional da modernidade, cujas causas, processos e consequências decisivamente afetam as atuais sociedades democráticas. As desigualdades contemporâneas são multidimensionais, cumulativas e interativas (Costa, 2012; Carmo e Nunes, 2013; Mauritti et al., 2016), produzindo impactos nos domínios da participação social e da ação coletiva das sociedades (Nunes, 2013).

As teorias dominantes dos movimentos sociais (Della Porta e Diani, 2006) não contemplam devidamente a importância das relações entre as desigualdades de classes e a ação coletiva, problematicamente analisáveis nas multiescalas do espaço social europeu, nacional, local e individual. A meta-teorização das relações entre a estrutura e a ação, bem como entre o macrossocial e o microssocial, desvelam os efeitos duráveis das desigualdades e a hierarquização do espaço social na (re)produção da ação coletiva (Bourdieu, 2001; Mouzelis, 2008).

As estruturas conferem variados graus de poder que se manifestam na ação coletiva dos agentes. As posições objetivas e a distribuição desigual e combinatória dos capitais económicos, culturais, sociais e simbólicos constituem fatores inibidores e/ou potenciadores de ação coletiva. As relações estruturais, culturais e simbólicas geradas no espaço social das classes, representam uma poderosa ferramenta de ocultação dos processos sustentadores das desigualdades sociais contemporâneas.

É sob um quadro multidimensional e holístico de desigualdades que se compreende a (des)capacitação dos agentes individuais na adesão a práticas de ação coletiva. Entender a desigualdade da ação coletiva às escalas europeia, nacional, local e individual, implica ter em conta a articulação entre o estrutural, os contextos sociais, a interação social e as disposições sociais dos atores (Costa, 1999; Lahire, 2005; Nunes et al., 2016).

3. Metodologias e escalas de análise: interpenetrações

Um dos principais desafios da análise social contemporânea, relativamente ao estudo da ação coletiva, aponta para a necessidade de articular diferentes metodologias. Esta investigação segue uma estratégia multi-metodológica, através da recolha de dados quantitativos, por via de análises estatísticas assentes em inquéritos internacionais, e na recolha e análise de dados qualitativos, através da pesquisa de terreno, observação participante e entrevistas, que permitiram a construção de retratos sociológicos.

Esta investigação articula-se aos níveis macro e microssocial: ao nível macro, procurando compreender a influência dos contextos sociais dos países e das estruturas de classes europeias na adesão a práticas de ação coletiva; e ao nível microssocial, focando-se nos perfis de três “cidadãos insurgentes” residentes em territórios precarizados da Área Metropolitana de Lisboa.

O desenvolvimento de interpenetrações metodológicas e multiescalares (europeia, nacional, local e individual) constitui a nossa estratégia investigacional, com vista a compreender como é que os indivíduos, sob um quadro multidimensional e holístico de desigualdades, se constituem enquanto agentes de (des)capacitação para a ação coletiva.

Às escalas europeia e nacional, as relações entre desigualdades e ação coletiva são analisadas por indicadores de classes sociais (Mauritti et al., 2016), rendimentos, anos de escolaridade e práticas de ação coletiva (Nunes, 2013). Através dos dados do inquérito internacional European Social Survey (edição de 2012), será adotada uma perspetiva comparativa entre países e transnacional europeia, procurando apurar determinadas regularidades sociais.

Às escalas local e individual, as relações entre desigualdades e ação coletiva compreendem-se a partir de retratos sociológicos de “cidadania insurgente”, procurando desvelar os mecanismos sociais de capacitação para a ação coletiva, perante a (in)justiça e a desigualdade sentidas por estes indivíduos. A insurgência, na ótica de James Holston (2013), deve ser compreendida como ação desestabilizadora de um certo *status quo* presente em sociedade, um domínio de elaboração política que contraria hierarquias e exclusões. Desestabilizadora de determinados privilégios, a ideia de “cidadania insurgente” (Idem) utilizada ao longo do texto quer chamar a atenção às novas modalidades de ação coletiva fundada nos princípios da equidade, auto-organização e capacidade de corroer segregações,

algumas deles ampliadora do “direito à cidade” (Lefebvre, 2012[1968]) entre populações subalternizadas³.

4. Escalas europeia e nacional: estruturas de classes e capitais

A adesão a práticas de ação coletiva observadas às escalas europeia e nacional é explicada por desigualdades de estados nacionais, pelas características das estruturas europeias de classes, bem como pela distribuição dos capitais económicos e capitais culturais detidos pelas classes sociais no contexto europeu.

Analisando a distribuição de adesão a práticas de ação coletiva nos 24 países europeus analisados⁴, facilmente conclui-se pela existência de desigualdades de ação coletiva (Quadro 1). No contexto europeu, Portugal é dos países com mais reduzidas práticas de ação coletiva. Os cidadãos da Europa do Norte e da Europa Ocidental são os mais mobilizados para a ação coletiva. Ao contrário, os cidadãos do Leste europeu e da Europa do Sul (com exceção da Espanha) mobilizam-se menos.

Quadro 1 – Práticas de ação coletiva nos países europeus (%)

Fonte: European Social Survey 2012

Através do *indicador socioprofissional* proposto por Almeida, Costa e Machado (Costa, 1999) foi possível não apenas caracterizar a composição de classes de cada país, mas, para além disso, avançar na pesquisa de estruturas transnacionais de classes (Costa, Machado e Almeida, 2007). Em moldes idênticos, realizou-se uma análise de *clusters* e foram apuradas determinadas estruturas europeias de classes (Quadro 2).

O *Cluster 1* de estruturas transnacionais de classes é composto por países da Europa do Norte e Ocidental. Este *cluster* distingue-se, fundamentalmente, pelo elevado peso dos profissionais técnicos e de enquadramento (PTE) e por um reduzido número de operários (O).

³ James Holston analisa em seu livro (2013) a influência a emergência de novos atores políticos no contexto da urbanização brasileira, cujas reivindicações e formas de luta expressariam uma “cidadania insurgente” contrária aos privilégios historicamente enraizados.

⁴ Adesão observada através do indicador de práticas de ação coletiva (IPAC), disponível nas várias edições do *European Social Survey* e que se refere às seguintes ações: o contacto com um político, um representante do governo central ou um representante do poder local; o trabalho para um partido político ou movimento cívico; o trabalho numa organização ou associação de outro tipo; o uso de emblema autocolante de campanha / movimento; a assinatura de uma petição; a participação numa manifestação; o boicote de determinados produtos. Os resultados que se apresentam referem-se à percentagem de indivíduos que indicaram que pelo menos realizaram uma destas práticas de ação coletiva.

O *Cluster 2*, também formado por países do Norte e Ocidente europeus e pelo Chipre, diferencia-se do cluster anterior por ter um número mais reduzido de PTE e um maior peso de empregados executantes (EE). O *Cluster 3*, constituído por países da Europa do Sul e do Leste, é aquele onde é mais significativa a presença de trabalhadores independentes (TI) e mais reduzido o número de EE. O *Cluster 4*, igualmente formado por países do Sul e do Leste europeus, e onde se inclui Portugal, é o agregado com menor percentagem de empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL) e com mais operários no contexto europeu.

Quadro 2 – Estruturas europeias de classes (análise de clusters)

Fonte: European Social Survey 2012

As estruturas europeias de classes são constituídas por múltiplas desigualdades sociais, entre elas a distribuição de capitais económicos (rendimentos) e culturais (escolaridade). Será que o capital económico das classes sociais se reflete nas suas dinâmicas de ação coletiva?

É relevante o impacto do capital económico das classes sociais sobre a ação coletiva (Figura 1). A inserção das classes sociais em determinadas estruturas de classes e respetiva distribuição de rendimentos influencia a adesão a práticas de ação coletiva ($R^2 = 0,775$). Os EDL e PTE das estruturas europeias de classes 1 e 2 são claramente os que auferem maiores rendimentos e simultaneamente revelam mais ação coletiva. De facto, em todas as classes sociais, à medida que se passa dos *Clusters 1 e 2* para os *Clusters 3 e 4* das estruturas europeias de classes, verifica-se uma redução contínua de adesão a práticas de ação coletiva por parte das respetivas classes sociais.

Figura 1 – Rendimentos das classes e práticas de ação coletiva nas estruturas europeias de classes

Fonte: European Social Survey 2012

Quanto à hipótese de que o capital cultural das classes sociais se reflete nas suas dinâmicas de ação coletiva a resposta é igualmente positiva (Figura 2). Os EDL e PTE são os mais escolarizados em todas as estruturas europeias de classes. Mas apesar do “efeito escolaridade” sobre a ação coletiva dos cidadãos ($R^2 = 0,406$), são mais reduzidas as práticas de ação coletiva dos EDL e PTE inseridos na estrutura europeia de classes 4 (EEC4). Em todas as estruturas europeias de classes, as classes mais escolarizadas (EDL e PTE)

apresentam maior adesão a práticas de ação coletiva, enquanto as classes menos escolarizadas (EE, TI e O) são as que revelam menor intensidade de ação coletiva.

Figura 2 – Escolaridade das classes e práticas de ação coletiva nas estruturas europeias de classes

Fonte: European Social Survey 2012

As estruturas de classes relativas aos *Cluster 1* e *2* (EEC 1 e EEC 2) influenciam o aumento de adesão a práticas de ação coletiva, independentemente das desigualdades de classes. Em todas as estruturas europeias de classes repete-se o padrão de estratificação das práticas de ação coletiva: os EDL e PTE com mais práticas e os TI, EE e O com menor ação coletiva.

5. Escalas local e individual: retratos de ação coletiva de ativistas das periferias

Sheila, Ermelindo e Kedy são indivíduos engajados em associações locais de bairros da periferia de Lisboa – Arrentela (Seixal), Quinta do Mocho (Loures) e Cova da Moura (Amadora) respetivamente –, sendo identificados pelos moradores como líderes comunitários e ativos produtores artístico-culturais. Nascidos em países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), eles foram socializados ou viveram a maior parte da idade adulta em Portugal, onde desenvolveram o gosto pelo associativismo. Criadores de novos espaços de ação coletiva, eles intervêm artística e politicamente com o intuito de contraporem às lógicas de subalternidade que os marginalizam, abrindo caminho para uma “cidadania insurgente” capaz de reposicioná-los na hierarquia da cidade. Integrantes das classes desfavorecidas, o retrato sociológico desses ativistas “periféricos” nos ajudará a compreender de que forma a posição de classe, a desigualdade social e as práticas artísticas influenciam o agir coletivo e a participação cidadã. No fundo, almejamos conhecer as razões decisivas que levam alguns indivíduos carentes de privilégios a incorporar um “habitus militante” (Crossley, 2002) potenciador de práticas de ação coletiva.

Primeiramente importa melhor situar a posição de classe dos nossos interlocutores. Embora sejam de uma classe social baixa, eles estão longe de pertencer aos estratos mais pauperizados. Socializados em núcleos familiares estáveis, os seus pais trabalhavam regularmente, embora em posições marginais na divisão social do trabalho. Este é o caso de

Ermelindo Quaresma (*aka* Lord Strike⁵), cuja família saiu de São Tomé para ir viver em Angola quando ele tinha nove anos. Antes de emigrar sozinho para Lisboa, um ano após a maioridade, Strike vivia com a mãe, vendedora de artigos importados nas feiras, numa zona portuária de Luanda, mantendo contactos regulares com o pai que trabalhava como motorista para as Nações Unidas em Angola. Isso permitiu-lhe aceder a certos estratos sociais mais elevados. Assim, os mundos da elite e da periferia faziam parte das suas vivências, o que se traduziu também em redes de amizade diversificadas como o próprio explica:

Ele [pai] trabalhava para o governo, e eu vivia sempre entre dois mundos. O mundo da elite e o mundo da periferia. Sempre foi a minha vida. Então eu podia estar uma semana com os meus amigos da elite: praia e grandes festas. E depois, noutra semana, estou lá no gueto: descalço, metido no mato com os meus cambas. (...) tive todo o tipo de amigos: brancos, pretos, cabo-verdianos, são-tomenses, angolanos, gajos da província. [Lord Strike, 42 anos, entrevista⁶ 4/03/2015]

Também Kedy frequentava essas duas realidades em São Tomé, pois o bairro em que morava era lar tanto de altos funcionários do Estado como de famílias das classes trabalhadoras como a sua. Antes de emigrar para Lisboa, o seu pai trabalhava de modo intermitente como comerciante, enquanto a sua mãe era professora do 1.º ciclo do ensino básico. Tal facto incutiu em Kedy, desde muito jovem, a motivação para estudar, tendo concluído o secundário como um dos melhores alunos. Mas isso não foi suficiente para garantir-lhe uma bolsa de estudo para ingressar na universidade, o que reforçou o projeto de emigração da família, num período em que esta atravessava uma difícil situação financeira. A adaptação de Kedy em Portugal foi penosa num primeiro momento. Aos 16 anos foi viver na Quinta do Mocho com a família, numa altura em que o processo de realojamento ainda estava a decorrer⁷. A estranheza de sair de um país pacato para ir viver numa grande metrópole marcou a fase inicial da sua adaptação, principalmente devido ao choque de sentir na própria “pele” as adversidades da segregação residencial.

Eu quando cá cheguei, a primeira constatação que fiz foi: “Eh pá, eu saí de uma ilha para ir para outra ilha”. Infelizmente a Quinta do Mocho era uma ilha, não existia nada ao redor, não existia centro de saúde, supermercado, o autocarro não entrava aqui, era uma coisa mesmo triste. Começou a haver muitos problemas de delinquência juvenil, desestruturação familiar e havia muitos conflitos. E nós que nunca vivemos problemas desse género, ao chegar aqui chocámos um pouco. [Kedy, 30 anos, 20/02/2016]

⁵ Este é o nome artístico de Ermelindo.

⁶ A entrevista com Strike foi realizada no âmbito do projeto “O trabalho da arte e a arte do trabalho: circuitos criativos de formação e integração laboral de imigrantes em Portugal”, e desenvolvido no âmbito institucional do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Financiada pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM) através do Fundo Europeu para a Integração dos Nacionais de Países Terceiros (FEINPT), este projeto foi coordenado por Lúcia Ferro e Otávio Raposo (2016).

⁷ O processo de realojamento da Quinta do Mocho ocorreu entre os anos 2000 e 2002.

Forçado a fazer novamente o 12.º ano para prestar exames nacionais, Kedy deparou-se com inúmeros obstáculos na escola, entre os quais a falta de incentivo dos professores que não consideravam os jovens negros e habitantes de bairros mal-afamados capazes de ingressar na universidade. Contrariando a psicóloga da escola que tentou encaminhá-lo para cursos profissionalizantes, Kedy ingressou em Engenharia Química no Instituto Politécnico de Setúbal após algumas tentativas frustradas, tendo concluído a graduação recentemente.

Uma das características comuns aos nossos interlocutores são as suas qualificações acima da média. Também Sheila alcançou o ensino superior, tendo concluído o curso de animação sociocultural em 2014. Filha de pais guineenses, Sheila chegou em Portugal com pouco mais de um ano para tratar problemas de saúde, tendo vivido os primeiros anos com a avó até à chegada dos pais. Os percursos profissionais dos pais de Sheila assemelham-se ao de muitos imigrantes africanos: limpeza (mãe) e construção civil (pai). A vulnerabilidade económica e o facto de os seus pais desempenharem trabalhos precários e pouco prestigiados socialmente, muitas vezes acumulando empregos, não impediu que houvesse um investimento familiar na educação de Sheila. Essa estratégia de valorização da escola incutiu-lhe desde cedo um sistema de disposições que não apenas a fez interiorizar o gosto pelo estudo, mas assumia o sucesso escolar como um importante mecanismo de mobilidade social ascendente, numa lógica de “adiamento das recompensas” (Dayrell, 2005:234) tantas vezes incompatível para jovens da sua classe social.

Foram as amigas do bairro que lhe chamaram a atenção para a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a cultura e história africanas, fazendo-a também despertar para a problemática do racismo e da violência policial. Com outros jovens da Arrentela (Seixal), Sheila ficava nas ruas do bairro a conversar sobre esses assuntos até altas horas da noite. Para um olhar distante eles estariam a não fazer nada nesses encontros, apenas a “jogar conversa fora”. Contudo, esse “não fazer nada” (Pais, 1999) era uma atividade dotada de intensa sociabilidade e agência, materializada, nos meses seguintes, na ideia de criarem uma associação local.

Dias e noites ali sentados no muro sem fazer nada. Convivíamos, conversávamos uns com os outros, mas não mais do que isso. Até que depois surgiu a ideia da Associação. (...) Criámos um grupo para formar a Associação e, em 2000, 2001, começámos a nos reunir. Fazíamos as nossas reuniões semanalmente: dávamos as nossas ideias de projetos, o que nós íamos fazer e tudo o mais. E desde essa data eu fiquei interessada e fui “de cabeça”, de “corpo e alma” para essa área do social. Quando as atividades começaram a surgir, tanto na planificação como na execução das mesmas, aquilo começou a mexer comigo. [Sheila, 36 anos, entrevista 27/01/2015]

Desde que se tornou uma das fundadoras da Khapaz – Associação Cultural de Jovens Afrodescendentes, Sheila descobriu aquilo que realmente queria, passando o associativismo a ser parte integrante da sua vida. A música *rap* cumpriu um papel basilar na formação dessa associação⁸, pois foi a partir do envolvimento com essa cultura urbana que muitos dos jovens sentiram-se motivados a organizarem-se localmente, seja para melhor impulsionar os seus projetos musicais, seja para influenciar os contornos das sociedades desiguais em que viviam.

As experiências proporcionadas pela participação num inovador circuito de produção artística ligada à cultura *hip-hop*⁹ foram fundamentais para que Strike e Kedy desenvolvessem práticas de ação coletiva. Ao tornarem-se *rappers*, o acesso a um conjunto de capitais culturais e simbólicos foram estimulados, ao mesmo tempo que a “sensação de cidadania” (Arantes, 2000) decorrente da visibilidade trazida pelos seus projetos musicais incentivou-os a organizarem-se em torno de coletivos culturais e/ou associações locais.

O primeiro contacto de Strike com o Moinho da Juventude¹⁰, por exemplo, deveu-se aos ensaios da sua banda de *rap* nas instalações dessa associação. Strike foi viver na Cova da Moura em 1993, dois anos após chegar a Portugal, onde aprofundou a relação com a música *rap*, tornando-se produtor e, mais tarde, *rapper* de umas das bandas precursoras do bairro: *Menace to Society*. A participação nas sessões de formação do Moinho da Juventude intensificou os seus laços com o associativismo. Foi voluntário dessa instituição durante vários anos, sendo um dos responsáveis pela organização da primeira festa de *hip-hop* da Cova da Moura em 1995. Com o casamento, a chegada dos filhos e a dispersão da sua banda de *rap*, Strike vai viver em Queluz com a família em 1998. As responsabilidades da vida adulta tornaram inevitável o seu afastamento das dinâmicas artísticas e associativas, principalmente para quem trabalhava arduamente nas obras como era o seu caso. Contudo, a decisão de sair da área da construção civil para buscar outras formas de sobrevivência geraria novas oportunidades na sua vida. Após fazer um curso de inglês por correspondência, Strike decide ingressar numa formação em *web design*. A conclusão desse curso coincide com o projeto do Moinho da Juventude de construir uma sala de computadores e a consequente necessidade de contratar um profissional para dinamizá-la. Strike foi o escolhido. O reatar das relações com a Cova da Moura, dessa vez enquanto monitor informático, representou um

⁸ A ideia inicial de criar essa associação partiu dos *rappers* Chullage e Heda, antigos parceiros da banda *187 Squad* e integrantes do coletivo informal *Red Eyes Gang*. Ver detalhes deste processo em Raposo, 2007.

⁹ O *hip-hop* é um movimento cultural urbano formado por quatro expressões artísticas: *rap*, *dj*, *graffiti* e *break dance*.

¹⁰ Criada em 1984, esta associação desempenha um importante papel na organização dos moradores por melhores condições de habitabilidade, sendo uma referência central na vida cultural da Cova da Moura.

novo impulso nas práticas de ação coletiva de Strike, que cumpriu um papel de relevância no despontar de uma nova geração de *rappers* no bairro. Mesmo com 42 anos, ele continua a ser uma referência para os jovens da Cova da Moura. Afinal, ele foi um dos intervenientes na construção do estúdio musical do Moinho da Juventude em 2009, bem como é o principal organizador do Kova M Festival¹¹, uma importante iniciativa cultural da juventude do bairro que ocorre todos os anos desde 2012. Sobre a sua relação com as gerações mais novas ele comenta:

Eu continuo a ouvir as músicas que eles ouvem, eu continuo a gostar das coisas que eles gostam; algumas, nem todas. Já não ponho as calças assim atrás para mostrar o rabo, mas pronto. Aliás, eu sou um gajo que gosto de estar em dois mundos. Eu sempre, desde pequeno, me dei com os mais velhos. Gosto sempre de aprender com as pessoas mais velhas. Eu hoje também sou assim. Estou com os mais velhos, tou com pessoas da minha idade, tou com putos, estás a ver? Eu gosto dessa.... Navegar por esses mundos.... Aprender com as pessoas... [Lord Strike, 42 anos, entrevista 4/03/2015]

A capacidade de Strike, Sheila e Kedy de transitarem entre mundos díspares e articularem estratégias de visibilidade para não ficarem presos às categorias estigmatizantes faz deles verdadeiros “*go-between*s” (Velho, 2001), isto é, “mediadores que encurtam a distância social e simbólica entre a cidade e as suas margens” (Raposo, 2016). O ingresso na banda “Império Suburbano” intensificou as características de mediação de Kedy, ao potenciar a sua circulação para além das fronteiras da Quinta do Mocho, multiplicando as suas redes de amizade. A participação em concertos com esse coletivo de *rappers* levou-o a lugares nunca antes frequentados, tanto em bairros periféricos como em prestigiados ambientes culturais do centro lisboeta, o que lhe permitiu aceder às varias “redes de significado” presentes na metrópole (Geertz, 2008). Com o passar do tempo, ele tornar-se-ia uma referência para os jovens da Quinta do Mocho, sendo convidado, em 2006, a ingressar no Programa Escolhas¹² em seu bairro. Durante os cerca de sete anos em que lá esteve a trabalhar, foi presidente da Associação Jovens Estrelas do Bairro, que ajudou a fundar, e organizou inúmeras atividades culturais. Atualmente, Kedy é formador da Academia Ubuntu e guia comunitário da Galeria de Arte Pública da Quinta do Mocho, realizando visitas guiadas aos *graffitis* em parceria com a Câmara Municipal de Loures. Reinterpretar as desigualdades que marcam os territórios por onde circula é parte do trabalho musical de Kedy, cuja poética inspira-se na heterogeneidade

¹¹ Organizado pelo Moinho da Juventude com jovens do bairro, esse festival reúne *rappers* e cantores de música africana, promove debates, exibição de filmes, exposição de fotografias, apresentações de dança, desporto, etc. numa diversidade de práticas artísticas que exaltam as referências culturais negras e africanas.

¹² O Escolhas é um programa governamental de inclusão social de crianças e jovens de contextos desfavorecidos, criado em 2001, e que atua em todo o território nacional. Para mais informações consultar: <http://www.programescolhas.pt/>

da vida urbana e busca da universalidade do ser humano.

Estou gravando um pequeno trabalho [álbum] com dimensões políticas e sociais muito profundas, desde situações na África ao mundo no seu todo. Eu nunca gostei de fechar-me sobre eu próprio, não gosto de fechar-me sobre o bairro. Não é porque eu vivo aqui que tenho de falar só sobre o bairro. Não quero isso. Sou do mundo, defendo o mundo, uma linguagem semelhante para todos, uma igualdade que é utópica, mas que temos de lutar por ela. Se não lutarmos, não teremos a sensação de que estivemos perto. [Kedy, 30 anos, 20/02/2016]

Os retratos sociológicos apresentados vão contra a imagem de senso comum que associa as periferias a um espaço homogêneo, cinzento e sem cultura, onde os moradores seriam uma grande amálgama de indivíduos incivilizados e apáticos. Pelo contrário, muitos deles revelam inovadoras formas de envolvimento político-cidadão, promotoras de uma “cidadania insurgente” sensível às injustiças sociais do seu meio. Trata-se de ativistas “periféricos” com forte inserção no associativismo, cujas disposições para a ação coletiva estão interligadas às socializações familiares e aos contextos locais, às redes de sociabilidade e às práticas artísticas, matrizes indutoras de posturas emancipatórias nos “campos de batalha” da vida social.

6. Conclusão

As teorias dominantes dos movimentos sociais “ignoram” as potencialidades heurísticas que a problemática das desigualdades sociais pode oferecer ao estudo da ação coletiva. É possível concluir que são significativas as relações entre as desigualdades de classes e as práticas de ação coletiva.

Através da problemática das desigualdades sociais, na qual as diferenças de classes assumem centralidade, a ação coletiva contemporânea é desvendada aos níveis macro e micro-sociais, a partir do momento em que a investigação, assente numa estratégia multi-metodológica extensiva e intensiva, consegue interpretar as relações entre as desigualdades de classes e a ação coletiva, de modo articulado, às escalas de análise europeia, nacional, local e individual.

Na mobilização das escalas de análise foi possível compreender melhor como é que as estruturas de classes, os estados nacionais, os capitais económicos e culturais das classes, os contextos locais desfavorecidos e as disposições sociais dos “habitus”, produzem regularidades e contra-regularidades na adesão a práticas de ação coletiva.

A ação coletiva é mais intensa entre os empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL) e profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), nomeadamente se no espaço social

européu, elas estiverem inseridas nos países da Europa do Norte e Ocidental, nas estruturas europeias de classes mais terceirizadas e com maior acumulação de capitais económicos e culturais. Pelo contrário, a ação coletiva é menos intensa entre os trabalhadores independentes (TI), empregados executantes (EE) e Operários (O), sobretudo se estas classes sociais estiverem localizadas na Europa do Sul e de Leste, em estruturas europeias de classes de menor modernização e deterem menores capitais económicos e culturais. Nas relações entre as diferenças de classe e as práticas de ação coletiva, estas são regularidades claramente observáveis às escalas europeia e nacional.

Tais regularidades estão naturalmente presentes às escalas local e individual, mas a mobilização destas revelou contra-regularidades relevantes para a compreensão das relações entre desigualdades de classes e práticas de ação coletiva. O sentimento de injustiça perante as desigualdades sociais e a precarização de direitos sentidas por grupos socioeconomicamente vulneráveis também pode estimular uma “cidadania insurgente” que questiona a subalternização das suas vidas, como vimos nos três retratos sociológicos. Ao incorporarem nas disposições as experiências das desigualdades sociais envolventes, procurando transformá-las em horizontes concretos de justiça social, esses ativistas das periferias afirmam-se como sujeitos políticos detentores de um “habitus militante” que, alicerçados em capitais culturais e sociais inclusivos, solidariedade interclassista e intergeracional, e redes de sociabilidade extensas, potenciam a construção de novas oportunidades de mudança social.

7. Bibliografia

Arantes, Otilia (2000), “Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas”, em Otilia Arantes, Carlos Vainer, e Ermínia Maricato (orgs.), *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, Petrópolis, Editora Vozes.

Bourdieu, Pierre (2001), *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*, Oeiras, Celta Editora.

Carmo, Renato Miguel do, e Nuno Nunes (2013) ‘Class and social capital in Europe: a transnational analysis of the European Social Survey’, *European Societies*, 15(3), pp. 373-387.

Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Lisboa, Celta Editora.

Costa, António Firmino da (2012) *Desigualdades Sociais Contemporâneas*, Lisboa, Mundos Sociais.

Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado, e João Ferreira de Almeida (2007), “Classes sociais e recursos educativos: uma análise transnacional”, em A. F. Costa, F. L.

Machado e P. Ávila (orgs.), *Portugal no Contexto Europeu*, vol. II: *Sociedade e Conhecimento*, Oeiras, Celta Editora, pp. 5-20.

Crossley, Nick (2002), *Making Sense of Social Movements*, Berkshire, Open University Press.

Dayrell, Juarez (2005), *A Música Entra em Cena. O rap e o funk na socialização da juventude*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Della Porta, Donatella, e Mario Diani (2006), *Social Movements. An Introduction*, Oxford, Blackwell Publishing.

Ferro, Lígia e Otávio Raposo (coord.) (2016), *O trabalho da arte e a arte do trabalho: circuitos criativos de artistas imigrantes em Portugal*, Lisboa, Observatório das Migrações.

Geertz, Clifford (2008), *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC Editora.

Holston, James (2013) *Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.

Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 11-42.

Lefebvre, Henri (2012[1968]), *O Direito à Cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre.

Mauritti, Rosário, Susana da Cruz Martins, Nuno Nunes, Ana Lúcia Romão e António Firmino da Costa (2016), “The social structure of European inequality: A multidimensional perspective”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 81, pp. 75-93.

Mouzelis, Nicos (2008), *Modern and Postmodern Social Theorizing*, Cambridge, Cambridge University Press.

Nunes, Nuno (2013), *Desigualdades Sociais e Práticas de Ação Coletiva na Europa*, Lisboa, Mundos Sociais.

Nunes, Nuno, Rita Cachado, Otávio Raposo, Daniela Ferreira e Renato Miguel do Carmo (2016), “Ação coletiva à escala individual e local. Perfis e retratos sociológicos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 81, pp. 95-113.

Pais, José Machado (1999), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Ambar.

Raposo, Otávio (2007), *Representa Red Eyes Gang: das redes de amizade ao hip hop*, Dissertação de Mestrado em Antropologia Urbana, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

Raposo, Otávio (2016), “Cartografia da Dança. Segregação e estilos de vida nas margens da cidade”, *Revista Mana*, 22(3), pp. 765-797.

Velho, Gilberto (2001), “Biografia, trajetória e mediação”, em Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs.), *Mediação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, pp.13-28.